

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 1, Dez. 2014

ABOIO LIVRE: REPRESENTAÇÕES ECOLÓGICAS NA POESIA DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO



ABOIO LIVRE: ECOLOGICAL REPRESENTATIONS IN POETRY OF JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

CALILA DAS MERCÊS OLIVEIRA
UNIV. ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 19/06/2014 • APROVADO EM 01/07/2014

Abstract

The article discusses the ecological representations in the poetry of José Inácio Vieira de Melo (1968), Brazilian poet that live in Bahia. From *Pedra Só* (2012), with the cutout section *Aboio Livre*, an analysis of poetic lyric that involves concurrently and environment is performed. Known as the "Knight of Fire", the poet presents a mystic hinterland that goes beyond social ills, revealing the universal reflection of what is "to be a human". Exposing considerations other writers and opinion makers about their work and interact with making theories Alfredo Bosi, Octavio Paz, Félix Guattari, Serge Moscovici, Barthes, among others.

Resumo

O artigo aborda as representações ecológicas na poesia de José Inácio Vieira de Melo (1968), poeta alagoano radicado na Bahia. A partir de *Pedra Só* (2012), tendo como recorte o capítulo *Aboio Livre*, é realizada uma análise da poética que envolve de forma concomitante lírica e meio ambiente. Conhecido como *Cavaleiro de Fogo*, o poeta apresenta um sertão místico que vai além das mazelas sociais, trazendo à tona a reflexão universal do que é “ser humano”. Expondo considerações de outros escritores e formadores de opinião acerca de sua obra e as fazendo interagir com as teorias de Alfredo Bosi, Octávio Paz, Félix Guattari, Serge Moscovici, Roland Barthes, entre outros.

Entradas para indexação

KEYWORDS: José Inácio Vieira de Melo; One stone; Ecological poetry; Representations.

PALAVRAS CHAVE: José Inácio Vieira de Melo; Pedra só; Poesia ecológica; Representações.

Texto integral

Várias homenagens

Apresentação

José Inácio Vieira de Melo é mesmo um Cavaleiro de Fogo, com essa poesia calor e sol, chama e brasa. Seu destino é o daquela cabra que ninguém segura e sobe a montanha em busca da Glória. Mais que sua personagem, ela é seu retrato. O destino de José Inácio “é escutar dentro do canto a imensidão”. (Astrid Cabral sobre José Inácio Vieira de Melo)

A literatura sempre residiu no ser humano e baseando-se neste período de crise e descaso com o meio ambiente é válido repensar a natureza além dos meios de comunicação de massa, que muito reduzem o conhecimento e que, por vezes, não conseguem sensibilizar o homem a compreender este espaço e mover-se a favor mesmo. Ao pensar nas representações ecológicas, não há como se afastar de uma crítica acerca deste descaso com a natureza sertaneja. A ideia deste artigo é trazer a temática do meio ambiente tendo como recorte memórias e poesias de José Inácio Vieira de Melo (1968), que enfatiza em *Pedra Só* (2012) o sertão baiano e suas características irreverentes, possivelmente recordando ao leitor a necessidade da consciência ecológica, ao perceber que no ambiente sertanejo existe uma beleza que aos poucos pode se extinguir.

Ver, sentir, tragar, cheirar e ouvir o sertão. São os cinco sentidos acoplados ao próprio lócus que sugere a poesia de José Inácio Vieira de Melo (JIVM), poeta

alagoano radicado na Bahia. Escutar os pássaros, respirar as roseiras, olhar a fogueira acesa, apreciar a aurora e salivar as boas novas da chuva do sertão. A poesia de JIVM, conhecido como *Cavaleiro de Fogo*, traz sentidos, movimentos e cenas que se percebem ao ler cada linha de sua lírica, que apresenta musicalidade como em aboios sertanejos. Uma poesia que fala sobre a terra, em que elementos do sertão (ou natureza) são descritos e celebrados numa dimensão universal e por vezes épica.

A natureza e *Pedra Só* (2012) são fontes de inspirações para JIVM. Segundo Salgado Maranhão (2013) o poeta “mergulha fundo nas mitologias nordestinas, aportando seu canto na tradição ibérica dos aboiadores e tangedores de gado”. Os poemas de Melo têm em vista o caráter regionalista e que se distanciam de aspectos folclóricos. Lembranças e memórias se abrigam juntos a um conjunto de poesias referenciadas a Pedra Só, a fazenda onde o escritor reside.

Na Pedra Só,
as formigas tecem as escrituras
no abismo da noite tão enorme
e o espantalho veste a seda do orvalho
para receber de braços abertos,
o sabor das auroras, o sagrado. (MELO, 2012, p.25)

Inspiração desde grandes escritores – Gerardo Mello Mourão, Cecília Meireles – até cantadores e vaqueiros do sertão nordestino. O livro é dividido em cinco momentos: começa com um poema, que tem o mesmo nome do livro, *Pedra Só*, e que é separado por capítulos enumerados de I a XXVII. Em seguida, apresenta *Aboio Livre*, *Toada do Tempo*, *Partituras* e *Parábolas*, tudo relacionado com o sertão. O poeta, diante de seus devaneios perante a natureza, fica ainda mais próximo deste ambiente que é a matéria essencial para formatar as suas composições poéticas.

Ao enveredar os estudos sobre as representações ecológicas na obra de JIVM, não se pensa em focar apenas na análise semântica e nem somente abordar aspectos estruturais e fazer leituras das tantas cenas presentes nos versos de cada poesia. A proposta deste trabalho é abordar aspectos relacionados ao tema – a natureza, o sertão, a vivência neste ambiente – que perpassa todo arranjo poético.

A atmosfera sertaneja e o *Aboio Livre*

Como representar o sertão nos dias de hoje? Como lembrar o espaço tão importante presente no nordeste brasileiro? Como recordar a história de um povo cheio de estórias e vivências? É através da arte literária, mais precisamente da poesia, que José Inácio Vieira de Melo, o Cavaleiro de Fogo, discorre sobre a natureza e suas memórias, como pode ser confirmado na poesia *Noite sertaneja e Madrugada Sertaneja*:

Em frente à minha casa sempre tem

uma fogueira acesa, clareando
 a passagem dos vultos dos vaqueiros
 amontados nos ventos e aboiando.
 [...]
 E vou buscar a aurora no teu ventre
 tal qual o Vento Norte salivando
 boas novas da chuva pros sertões.
 Ventre de abril, ah ventre de veludo,
 de avelãs e de aromas matinais:
 rastro de amor em minhas veias nuas.
 Minhas palavras sentem alegria,
 agarradas nas crinas dos pardais.
 e ganha novos ares, minha lida. (MELLO, 2012, p. 48-49)

O filósofo francês Félix Guattari, no final da década de 1990, já afirmava que a ecologia não podia estar voltada somente para os problemas decorrentes de tratamento hierárquico e dualista entre ser humano e meio ambiente e que era necessário compreender que o equilíbrio global poderá ser alcançado pelo acoplamento das três ecologias: a do meio ambiente, a do social e da subjetividade humana:

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma capa de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os “marginalizados”, os imigrados. (GUATTARI, 1989, p.35)

Ao observar os registros e a seleção de poesia do poeta, pensar no lugar e na subjetividade humana faz com que ampliemos a forma de refletir sobre representação ecológica, visto que ela não se resume apenas a aspectos naturais, mas em tudo que forma o lócus sertanejo. Em *Noite sertaneja* o poeta em apenas uma estrofe de quatro linhas consegue acoplar as três ecologias: a do meio ambiente quando descreve o local, a casa no sertão, a do social em “(...) a passagem dos vultos dos vaqueiros / amontados nos ventos e aboiando” em que descreve o que acontece com os seus semelhantes e a subjetividade humana ao falar de si, “em frente à minha casa sempre tem / uma fogueira acesa”.

Algarobeiras, cavalos, vaqueiros, secas, cachorros, poeira, pássaros, entre outros, são elementos do cotidiano sertanejo que fazem parte da construção poética de JIVM junto a figuras míticas e bíblicas. A solidão e a memória trabalham com lembranças da infância, assuntos cotidianos e até mesmo da sexualidade. Outra característica presente nas poesias é a intertextualidade referencial. Em várias poesias, o poeta cita artistas conhecidos, como Federico Garcia Lorca, Jorge de Lima, Leonardo da Vinci, a poeta Mariana Ianelli, entre outras pessoas:

As cinco em ponto da tarde,

no reino da Pedra Só,
 Federico Garcia Lorca
 montado num corcel de algodão
 crava seu punhal de prata
 nos olhos da escuridão. (MELO, 2012, p. 37)

E ainda personagens bíblicos e mitológicos aparecem na poesia demarcada pelo “épico da terra”, assim Teseu, Ulisses, Narciso, Davi e Homero se fazem presentes como personagens, também seus vaqueiros e animais, tanto do passado quanto do presente, mistura de lembrança e afeto. Para T.S. Eliot, o poeta utiliza emoções e influências para trabalha-las em um nível poético elevado:

A mente do poeta é de fato um receptáculo destinado a capturar e armazenar um sem-número de sentimentos, frases, imagens, que ali permanecem até que todas as partículas capazes de se unir para formar um novo composto estejam presentes juntas. (ELIOT, 1989, p. 44).

As referências advêm de uma experiência de vida tanto do narrador, auto reflexividade do sujeito, quanto a de outras pessoas a quem o mesmo as observou e tirou aprendizados. É o que Walter Benjamin, em *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* aponta ao defender a ideia de que a experiência é central para a construção de um texto, como é possível perceber em *Escuta*:

O semeador da miragem
 ouve dentro da tua fala,
 lá onde está a busca da Luz,
 do Sol do entendimento.
 O vaqueiro da paciência
 escuta os mandamentos
 dos deuses do Sertão,
 sábios sabiás mostrando,
 de repente, o Instante.
 E o cachorro late o presente
 ao farejar a chegada da Aurora. (MELLO, 2012, p. 45)

Neste poema o autor demonstra um narrador que observa a experiência do outro, e descreve cada estrofe como se fossem mostradas fotografias ou cenas filmicas, narradas em três ângulos, “o semeador da miragem ouve dentro da tua fala [...] / O vaqueiro da paciência escuta os mandamentos [...] / E o cachorro late o presente / ao farejar a chegada da Aurora”, que remetem a uma reflexão: o autoconhecimento, o ato da espera, a busca incessante do que ele chama de Aurora.

Nas poesias *Aurora* e *Cordeiro de Abril*, além das paisagens sertanejas descritas, observa-se um eu-lírico que socializa um testemunho. Mostra o que

viveu, conta quem ele é, descreve-se em estrofes métricas e mistura-se na natureza do seu lócus. Segundo Alfredo Bosi, em seu livro *O ser e o tempo na poesia*, as imagens, que surgem antes das palavras, podem emergir através das reminiscências ou dos sonhos e que a tentativa de explicitar traz o passado para o presente:

A experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizada no corpo. A imagem é afim à sensação visual. O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós. O ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo. (BOSI, 1977, p.13)

Para o poeta e filósofo francês Gaston Bachelard (2001, p. 23), somente a imaginação nos permite modelar “a geometria interna, a geometria verdadeiramente material de todas as substâncias” e estimular “as potências formadoras de todas as matérias”. De acordo com Bachelard, a poesia da terra é sólida e palpável, ao contrário das imagens do ar, da água e do fogo que se mostram fugazes e instáveis. Para ele, é como se ao falar da terra, a imaginação possa demonstrar um caráter vigorante e estável, como acontece em *Vozes Secas* quando o eu-lírico fala de um problema do seu lócus, através de um poema-toada. O que está em foco é a tristeza causada por um problema de ordem natural, a seca:

Pão, antes de ser palavra, é a vontade de comer.
 Pão é uma palavra que começa na fome.
 E se pão houver, acaba-se a fome e o nome.
 A seca bebeu todas as águas, a sede é grande.
 A seca tomou conta de tudo.
 O pão da minha terra está nas nuvens.
 E eu tenho medo – o meu boi morreu.
 A seca tem me tirado o fôlego.
 A seca, às vezes, me dá vontade de desistir. [...] (MELLO, 2012, p.55)

Para construir suas metáforas, o poeta precisa escolher com cuidado cada palavra, ferramenta que dará vida e sentido à “inércia” na construção poética, como em *Madrugada sertaneja*, que JIVM em meios das figuras de linguagem brinca ao comparar o seu desejo a espera da chuva no sertão, “E vou buscar a aurora no teu ventre / tal qual o Vento Norte salivando / boas novas da chuva pros sertões”. Ele consegue superar a visão “objetiva” e lança-se a entrega de lembranças e devaneios, “Ventre de abril, ah ventre de veludo / de avelãs e de aromas matinais: / rastro de amor em minhas veias nuas”, isto faz lembrar o ensaio de Bachelard (2001) quando afirma que a manipulação das imagens da terra significa, portanto, vencer o impositivo da mimese do real para que as

palavras cumpram o destino da poesia – surpreender o leitor, graças à “sua diferencial de novidade” (BACHELARD, 2001, p. 1-5).

Na poesia *Outono* faz-se perceber a mudança da estação, a mudança de um ciclo, o momento que começa a seca, “As árvores se despem do verde / para sentir com intensidade / a nervura do caule”. Em todas as poesias deste capítulo, o poeta assume a discussão de questões transcendentais como o amor, o tempo, a esperança e a solidão. Faz, então, da natureza uma ponte para o misticismo na poesia intitulada *Aboio livre*, uma espécie de conversa com familiares, uma verdadeira demonstração de fé em um ser superior, comum aos sertanejos:

Meu pai, caí no escuro,
grande é a minha pequenez
e longa esta penitência.
Meu avô, zelai por mim,
que sempre persegui desertos,
tangendo louvores ao Sertão.
Aprendiz de anjos e centauros,
de tanto me perder, ando só.
Tornei agora para de onde vim.
E meu gado nunca mais
há de passar fome nem sede,
porque Deus não me deserta,
porque Deus é assim,
aquele que espera de mim.um Aboio Livre. (MELO, 2012, p.56)

O domínio da linguagem é uma das principais marcas do *Cavaleiro de Fogo*. As paisagens do mundo sertanejo sugerem apego espiritual, o que é comum nas vilas e pequenos povoados rurais do sertão baiano. As novenas, as romarias, a fé em algum santo, a crença em algo que elimine a dor, a tristeza e que traga a harmonia e a prosperidade, são recorrentes na poesia em que é possível observar a fé nos caminhos da existência. Seu simbolismo reescreve a si mesmo desde, no “pão da minha terra”, em *Vozes Secas*, onde o fenômeno da seca é capaz de desestimular, por vezes, a existência do eu-lírico sertanejo, como também em *Aboio livre*, “E meu gado nunca mais / há de passar fome nem sede, / porque Deus não me deserta, / porque Deus é assim, / aquele que espera de mim”, em que demonstra a esperança de uma vida menos dura, apostando que tudo ficará bem graças a confiança em um ser maior, neste caso Deus.

Conclusão

José Inácio Vieira de Melo recria um sertão que remete a outros tantos sertões. *Pedra Só* consegue ser não apenas um lugar aconchegante, mas um espaço que identifica uma natureza ainda existente e persistente. Um ambiente em que o homem ainda reza pela água dos céus, pelo prato de comida, um homem que

sonha, que ama, que se refugia em metáforas e na mitologia. O sertão recriado nas poesias torna-se mais que um espaço geográfico, ele é sensível, seco, amado transcritos através de versos musicalizados e é desta forma que o poeta sobrevive.

Sem perder de vista aspectos ambientais, é fatídico que as questões ecológicas são preocupações do homem contemporâneo e abarcam relações entre sociedade, economia, política, religião e cultura. Discutir, elucidar e reverberar o que é este espaço é uma das funções da poesia, além da possibilidade de sensibilizar uma problemática como a seca e a marginalização do sertanejo em relação ao resto do país.

Referências

- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977.
- BRITO, Ronaldo Correio. **A folha e o espinho na poesia de José Inácio Vieira de Melo. Artigo publicado no Jornal A Tarde, no Caderno +2, p. 3. Salvador, em 2/3/2013.**
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução Vera Ribeiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.
- GUATTARI, Félix. **Les trois écologies**. Paris, Galilée, 1989.
- _____. **Práticas ecosóficicas e restauração da cidade subjetiva**. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 116: 9-25, 1994.
- MARANHÃO, Salgado. **José Inácio Vieira de Melo: Um poeta de Sol e Pedra**: Disponível em: <<http://jivmcavaleirodefogo.blogspot.com.br/2013/02/jose-inacio-vieira-de-melo-um-poeta-de.html>>. Acesso em 20 de agosto de 2013.
- MELO, José Inácio Vieira de Melo. **Pedra Só**. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.
- MOSCOVICI, Serge. **Natureza: para pensar a ecologia**. Tradução Marie Louise Trindade Conilh de Beyssac e Regina Mathieu. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007
- PAZ, Octavio. **A Outra Voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Calila das Mercês. Aboio Livre: Representações Ecológicas na Poesia de José Inácio Vieira de Melo. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 1., Jun. 2014, p. 131-138.

A Autora

Calila das Mercês Oliveira é mestranda em Estudos Literários* pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), pós-graduanda (MBA) em Comunicação Corporativa com Ênfase em Gestão de Pessoas pela Universidade Salvador (Unifacs) e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em jornalismo, atuando principalmente em assessoria de comunicação, mídias sociais, editoração e jornalismo online. Realiza estudos nos seguintes temas: literatura brasileira no século XX, crônicas brasileiras, jornalismo literário, a qualidade literária na obra de Antônio Torres, Economia Criativa e Estudos Culturais. (*ex-Literatura e Diversidade Cultural)